

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO NA ILHA DO GOVERNADOR*

LOURDES M. M. STRAUCH

Geógrafo do C.N.G.

I – INTRODUÇÃO

A ilha do Governador faz parte de um grupo de ilhas da baía de Guanabara, das quais é a mais extensa, com área equivalente a 29 quilômetros quadrados. Apresenta-se no sentido leste-oeste, com um comprimento de 12 quilômetros, enquanto sua largura varia entre 2 e 5 quilômetros (fig. 1).

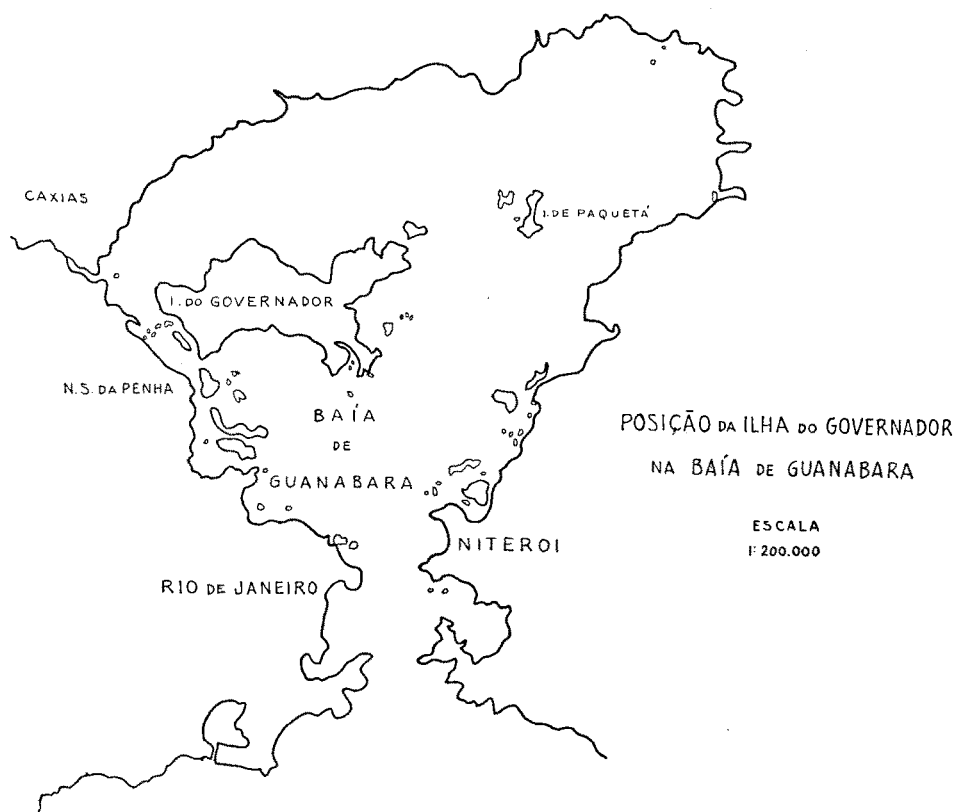


Fig. 1

A situação privilegiada, não muito distante da cidade, com uma superfície capaz de suportar uma grande população, acrescida da construção da ponte ligando-a ao continente, deram-lhe um novo aspecto e uma outra função, pois a ilha do Governador passou a constituir uma das áreas residenciais do

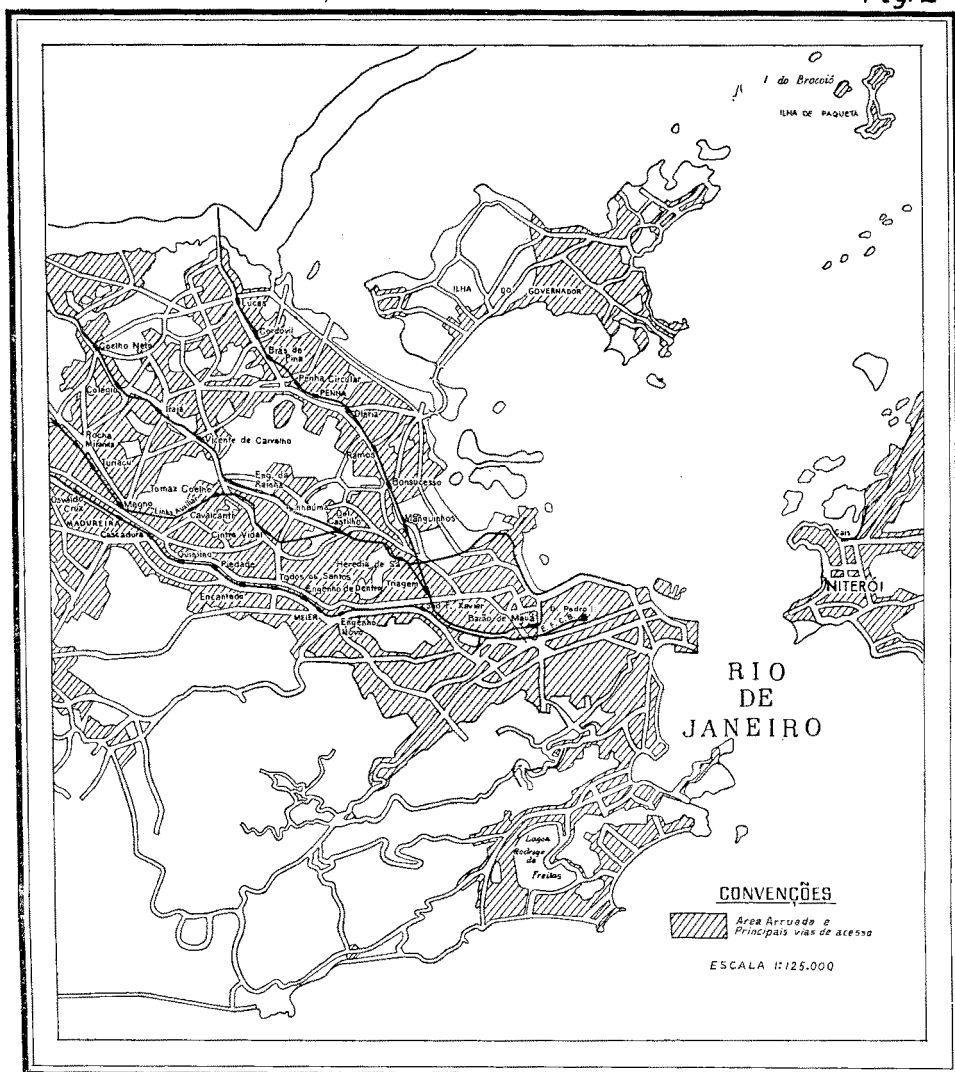
* Tese com que a autora concorreu ao concurso de geógrafos do Conselho Nacional de Geografia, realizado em 1953.

Rio de Janeiro. Tratando-se, esta última, de uma cidade que, em virtude das peculiaridades do relevo e do próprio sítio, sente dificuldade de expansão, a anexação de novas áreas próximas com possibilidade de ocupação imediata teria que determinar um rápido desenvolvimento nessas áreas incorporadas (figura 2).

Administrativamente, a ilha do Governador se enquadra na zona suburbana da cidade, mas ainda aí deve-se salientar o fato de que seus bairros ou localidades nem sempre têm o aspecto geral dos subúrbios do Rio de Janeiro. Não se observa ali atividade comercial idêntica à dos subúrbios da Central do Brasil ou da Leopoldina. É um comércio que tem por fim servir às necessidades mais imediatas da população local, como podemos observar na figura 3. A vida é mais calma e bucólica e nisto ainda pouco influíu o afluxo de pessoas que para lá se transferiram, após a construção da ponte. Neste particular, Go-

SITUAÇÃO DA ILHA DO GOVERNADOR EM
RELAÇÃO À CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Fig. 2



Copiado do Mapatúritico do Distrito Federal, Organizado
pelo Instituto Cartográfico Canabruca Barreiros

vernador permanece como zona caracteristicamente residencial, predominando, em muitas áreas, casas modernas e confortáveis. Esta é, pois, uma outra diferença que a distingue dos subúrbios propriamente ditos. É o caso, por exemplo, dos bairros que estão se originando de loteamentos promovidos por companhias imobiliárias. Com o advento da ponte, a forte especulação de terras determinou uma valorização tal que os terrenos são acessíveis somente às classes mais abastadas. Tais áreas abrangem, na sua maioria, a zona mais elevada e mais acidentada da ilha e requerem, para que sejam urbanizadas, obras de grande vulto que encarecem sobremodo os terrenos.

O interesse pelo estudo da distribuição da população na ilha do Governador reside, principalmente, na situação privilegiada da mesma em relação ao centro do Rio de Janeiro, com a recente construção da ponte, o que determinou uma intensa ocupação da ilha, agora com tendência a deslocar-se para o centro da mesma, com mudança do eixo de suas comunicações. Inicialmente, a ocupação humana limitava-se a determinados trechos. A carta da ilha do Governador de 1922, levantada pelo Serviço Geográfico do Exército, apresenta como áreas urbanizadas apenas as baixadas e praias de leste, pequeno trecho do Galeão e da praia da Bica, enquanto no restante da ilha a ocupação era disseminada com maior ou menor intensidade, conforme as condições locais. Já se nota que certos fatores físicos condicionaram esta maior ou menor ocupação, particularmente aquela anterior à construção da ponte. Daí, por que se torna interessante uma visão geral das feições do relevo da área em estudo.

Quanto à topografia, a ilha apresenta três aspectos característicos: as colinas, as praias e as baixadas. As colinas predominam na parte central da ilha, estendendo-se a leste, até junto das praias. Constituem elas verdadeiros níveis de altitudes moderadas e se apresentam de maneira geral com encostas suaves. Parece, à primeira vista, que se trata unicamente de camadas sedimentares. Entretanto, as rochas que entram na constituição dessas colinas são variadas: ora surgem granitos, ora gnaisses, todos bastante decompostos. Outras vezes, surgem realmente rochas sedimentares estratificadas. Êsses três tipos diferentes de rocha dão formas de relevo levemente diferentes. As colinas de granito caracterizam-se por uma camada de decomposição menos espessa, com encostas ligeiramente mais abruptas, enquanto as de gnaisses (biotita gnaisse) apresentam uma camada de decomposição mais profunda. Como consequência, as encostas são mais suaves. Finalmente, as argilas sedimentares (terciárias) que chegam a atingir 60 metros de altura, (no morro do Matoso), dão formas suaves. Estas argilas, quando se localizam nas pontas e sofrem a ação das vagas, podem chegar à formação de falésias, devido à maior ou menor resistência das camadas de argila. No morro do Matoso encontramos uma falésia com cerca de 40 metros, modelada nas argilas estratificadas.

De modo geral, podemos dizer que este relevo separa duas áreas características: uma, de praias, que se estendem desde a Freguesia à Ribeira e da Ribeira à Ponta do Galeão, graças à ação dos ventos, que penetram pela barra e das vagas provocadas pelos mesmos. A segunda, abrigada dos ventos e das vagas, onde aparecem os mangues. Desenvolve-se aí uma vegetação particular de mangues que constitui o traço característico da vegetação deste trecho do litoral.

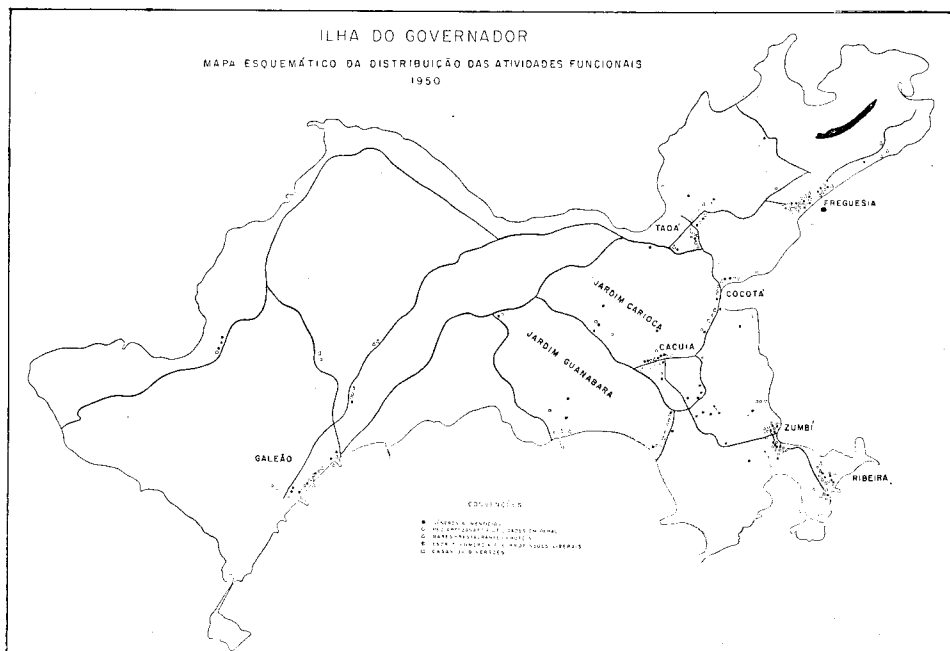


Fig. 3 — ATIVIDADES FUNCIONAIS — O comércio é pouco desenvolvido na ilha do Governador, apesar do grande surto de povoamento que aí se verificou com a construção da ponte. Mesmo considerando a grande extensão da ilha e a população numerosa que aí já se radicou, é forçoso concluir que seu comércio se apresenta bastante disperso e de função limitada. Com raras exceções, predominam as casas de comércio para consumo imediato, distinguindo-se entre estas as de gêneros alimentícios assinaladas no mapa com o círculo preto. São os armazéns, açougues, padarias e quitandas, compreendendo 77 estabelecimentos.

Seguem-se-lhe o que denominamos de pequeno artesanato e utilidades em geral, assinalados com o círculo branco. São os sapateiros, alfaiatarias, carpintarias, tinturarias, barbearias, farmácias, armarinhos, sapatarias, casas de ferragem, casas de móveis, lojas de tecidos, num total de 87 estabelecimentos.

Encontram-se, na ilha, com certa frequência, bares, restaurantes e hotéis, representados no mapa pelo triângulo. Os primeiros, num total de 35, embora já existissem outrora aí, atualmente se têm multiplicado em virtude do grande número de operários de obras que exercem suas atividades na ilha. Fato interessante é a presença de dois hotéis e duas pensões, refletindo uma função recreativa da ilha, antes da construção da ponte. Atualmente, com as facilidades de comunicação com a cidade, estas hospedarias perdem sua significação.

Entre os escritórios comerciais e principalmente os de profissões liberais, onde se salientam os consultórios médicos e dentários (círculo preto e branco) se contam 15.

Finalmente, as casas de diversão, em número de 12, estão assinaladas com um quadrado. Compreendem 3 cinemas, 3 clubes e uma "boite". Incluímos aqui as casas de aluguel de bicicletas, pelo seu aspecto caracteristicamente recreativo.

O exame do mapa demonstra que se trata de um comércio distribuído pelos vários bairros, onde sobressaem os da Ribeira, Zumbi e Reguesia. Secundariamente, o Cocotá, Cacua e bairro Tauá. Não se deve esquecer o pequeno núcleo comercial do Galeão que serve às famílias dos militares e civis aí residentes. Veja a figura 7.

No Jardim Guanabara, distingue-se também um pequeno agrupamento de casas comerciais, particularmente do primeiro tipo a que acima nos referimos, cujo objetivo é servir aos moradores desse bairro.

A distribuição do comércio acha-se bastante relacionada com o povoamento, coincidindo as áreas de comércio mais numeroso e mais variado com as zonas de povoamento mais antigo e mais denso.

Embora não seja um comércio de grande vulto, seu desenvolvimento tem-se feito notar com o aparecimento de novas casas comerciais. É interessante assinalar que recentemente têm surgido lojas de cerâmica, plantas ornamentais, etc., ligadas ao grande surto de construções.

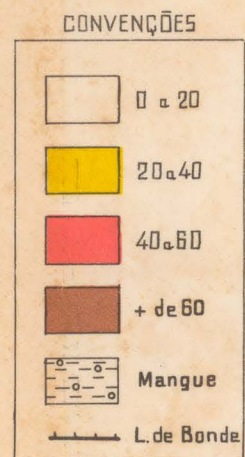
Para concluir, deve-se observar que a vida comercial da ilha do Governador tem por finalidade servir às necessidades mais imediatas da sua população, enquanto o centro do Rio de Janeiro continua sendo o ponto de atração para a aquisição de artigos de luxo, vestuário em geral, etc.

Do lado este, uma hidrografia mais pobre contribuiu para a formação de uma zona de baixada bastante restrita, nos lugares protegidos pelas colinas. Faz exceção aí o rio Jequiá. Deve-se observar, no entanto, que parte desse vale constitui um antigo braço de mar.

A oeste, predominam as baixadas, cuja formação está ligada não só aos rios que drenam esta parte, mas ainda à influência daqueles que, no continente, depositam seus sedimentos nesta zona fronteira à ilha do Governador. É esta

ILHA DO GOVERNADOR

RELÊVO E HIDROGRAFIA



*Cópia da Ilha do Governador
Baseada na Carta do
Serviço Geográfico do Exército*

a parte mais rebaixada da ilha e as próprias colinas aí existentes não têm a mesma importância das outras áreas já citadas.

A figura 4 representa justamente estes aspectos físicos mencionados e, se comparada com o mapa de distribuição da população, mostra a influência de tais fatores na ocupação. Eles serão mais bem analisados nos capítulos seguintes.

II – DISTRIBUIÇÃO ATUAL DA POPULAÇÃO E SUAS CONDIÇÕES GEOGRÁFICAS

Segundo o recenseamento de 1950, residiam na ilha do Governador 29 278 pessoas, o que representa cerca de 1 000 habitantes por quilômetro quadrado. Este fato por si só já seria bastante sugestivo, mas devemos lembrar que a maior parte das suas terras não se acham ainda ocupadas, do que se conclui haver um desequilíbrio marcante na distribuição da população, com áreas de densidades muito superiores a 1 000 habitantes por quilômetro quadrado, enquanto noutras encontramos verdadeiros vazios demográficos (figura 5).

Em linhas gerais, podemos determinar três áreas distintas, do ponto de vista da ocupação, apresentando cada uma delas características próprias. A primeira, onde se distribui a maior parte da população da ilha, e que poderíamos chamar Zona das Praias de Leste.

Em seguida o centro, zona muito pouco ocupada, rarefeita mesmo, a menos populosa das três, que seria denominada Zona das Colinas.

Finalmente, a parte oeste. Trata-se de área sob controle militar, pois ali se localiza a Base Aérea do Galeão. Isto naturalmente tem sido um fator negativo para a ocupação daquelas áreas. Ainda assim é ponderável o número de pessoas que se distribuem ao longo da estrada do Galeão e ao norte da Base Aérea, predominando, entretanto, nesta ocupação os servidores do Ministério da Aeronáutica. É também uma área de ocupação rarefeita, se comparada com a parte leste da ilha, de população densa. Para fins de classificação, será por nós intitulada Zona das Baixadas de Oeste.

Zona das Praias de Leste

O maior adensamento de população na parte leste da ilha, algumas vezes mesmo concentrada, apresenta aspectos característicos ligados aos fatores naturais.

A maior concentração nesta parte oriental coincide de certo modo com as zonas de povoamento antigo, localizadas quase exclusivamente nas praias e nas baixadas e vales próximos das praias, onde encontram condições mais favoráveis ao estabelecimento do homem.

Em virtude da situação da ilha em relação à entrada da baía, os ventos de sul e a brisa marítima que penetram pela barra incidem mais diretamente sobre esta parte leste, contribuindo, por um lado, para a formação das praias, uma vez que é a parte mais exposta à ação das vagas, por outro lado, para amenizar o clima, o que, sem dúvida, foi um fator de atração para a fixação do

homem. Aí o relêvo contribuiu para favorecer o clima desta área em detrimento da parte oeste, embora seja um relêvo de pouca altitude¹.

Este relêvo que, em alguns pontos, chega bem junto da praia, limitou a ocupação antiga àquelas estreitas faixas de praia e às baixadas e vales próximos, formando verdadeiros núcleos.

Os vales constituíram os caminhos de penetração da ilha aproveitados para o traçado das estradas ao longo das quais se estabeleceu uma ocupação linear que evoluiu para centros individualizados, conquistando as encostas. Este crescimento é fenômeno da época atual, pois tais adensamentos só tenderam para áreas urbanizadas, quando as estradas de rodagem passaram a ter maior influência na ilha. Um exemplo interessante é o bairro do Cacua surgido na estrada do mesmo nome. Com a construção da estrada do Galeão, evoluiu rapidamente para área urbanizada, inclusive com comércio local.

Atualmente, o núcleo do Cacua já penetrou pelo vale do Jequiá, ao sul e, para o norte, ocupou a encosta do morro através de arruamentos sinuosos que procuram amenizar o aspecto íngreme do local.

Os núcleos, situados junto das praias, ficavam mais diretamente ligados às influências do Rio de Janeiro, em virtude das comunicações serem feitas através de transportes marítimos, o que explica o crescimento de Freguesia, Cocotá, Zumbi e Ribeira, locais onde aportavam as barcas da Cantareira. Dêstes núcleos, o menos desenvolvido era o de Cocotá, situado no fundo do saco da Olaria, cercado pelas colinas, constituindo o local mais quente das praias de leste. Hoje, este núcleo tem progredido em função da valorização dos lotes do Jardim Carioca, tendo em vista a proximidade da praia.

Vale a pena lembrar aqui que a atividade da pesca foi um fator importante na ocupação inicial das praias e, atualmente, embora não represente valor ponderável na população, justifica perfeitamente a existência de duas colônias de pescadores na ilha, que estão localizadas na praia de São Bento e no saco do Jequiá, onde, recentemente, se estabeleceu uma favela (foto 1).

Além disso, a procura das praias, como pontos de atração para veraneio, iria, até certo ponto, contribuir para o desenvolvimento dêstes agrupamentos.

A ligação entre os núcleos, bem individualizados, se fazia pelos vales e pela praia. Exemplo dos mais interessantes foi a linha do bonde, inaugurada em setembro de 1922, ligando Freguesia ao Zumbi, estendendo-se até a Ribeira, em 1924. Seu traçado aproveitou a zona plana da praia e contornou o morro do Barão, estabelecendo-se assim um agrupamento urbano, — o bairro Tauá, em função da facilidade de comunicação com o litoral. As barcas da Cantareira passaram depois a atracar somente na Ribeira e no Galeão.

Estes núcleos constituem, hoje em dia, os bairros ou localidades mais importantes e representam, por excelência, as áreas urbanizadas da ilha do Governador, com água canalizada e ruas, na sua maioria, pavimentadas. Embora se

¹ Segundo a classificação de KÖPPEN, domina aí o clima *Am*, enquanto do lado oeste da ilha encontramos o tipo *Aw*, do litoral da Baixada da Guanabara. O clima *Aw* de KÖPPEN é quente e úmido, com chuvas no verão e período seco no inverno. O *Am* caracteriza-se por maior quantidade de chuvas, mas com o mesmo regime do tipo *Aw*.

SOUTO MAIOR, Ariadne Soares — *Tipos Climáticos do Distrito Federal* — C.N.G. — Secção de Estudos Sistemáticos — Inédito.

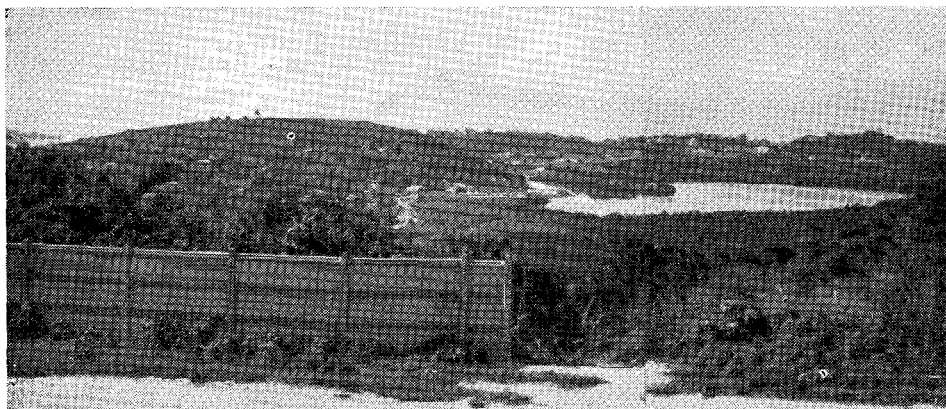


Foto 1 — O saco do Jequiá foi primeiramente ocupado em sua parte mais plana, onde se localizou uma colônia de pescadores. A colônia se localizou na base da colina, fugindo dos terrenos de mangue. A ocupação mais recente, a favela, se fez na encosta da colina. Pode-se observar que os terrenos de mangue permanecem ainda vazios. — (Foto N. Strauch).

trate de zona de ocupação antiga, nota-se um grande número de construções novas, muitas do mais moderno estilo arquitetônico, que proporcionam contrastes interessantes ao lado das residências antigas que refletem o tipo de habitantes mais modesto, predominante nessa área, antes de 1949, quando foi inaugurada a ponte. Naturalmente, ao lado da rápida valorização das terras, afastando daí muitos dos antigos moradores que negociaram suas propriedades, deve-se observar o papel de pequenos loteamentos, como o da Companhia Territorial na praia da Bandeira, que muito influíram para êste aspecto de renovação nessa zona.

A água constituiu um elemento importante no desenvolvimento dessas áreas, como pode ser observado num mapa com a distribuição da água que mostra, até certo ponto, uma coincidência entre essas áreas urbanizadas e a canalização da água (figura 6). Por outro lado, em arruamentos mais recentes, a falta de água tem, algumas vezes dificultado sua ocupação. Tal é o caso do conjunto residencial dos bancários², próximo à praia Grande, que, apesar de concluído há algum tempo, permaneceu desabitado até que se construísem poços individuais (foto 2). Aliás, os poços constituem um aspecto comum na ilha do Governador, mesmo nas casas situadas em zonas servidas por água canalizada. Contudo, a água subterrânea não resolve os problemas da ilha, porquanto não se trata de água potável. Convém acrescentar aqui que apenas em certas áreas existe rede de esgotos e neste caso onde ela é ausente mais sério se torna o abastecimento no lençol freático.

A pavimentação das ruas deve ser salientada como um fato característico da ocupação recente das áreas antigas, bastando lembrar que, antes da construção da ponte, que se inaugurou em fins de 1949, somente a linha de bonde era calçada. Deve-se notar que, de maneira geral, a pavimentação só existe nas vias de acesso, tais como: estrada do Galeão, estrada do Cacuiá, estrada do Dendê, parcialmente, e as ruas que ligam os bairros mais importantes; aquelas por onde passa a linha de bonde, já citada, e ainda a rua Tenente Cleto Cam-

² Área de ocupação recente, posterior ao recenseamento de 1950.

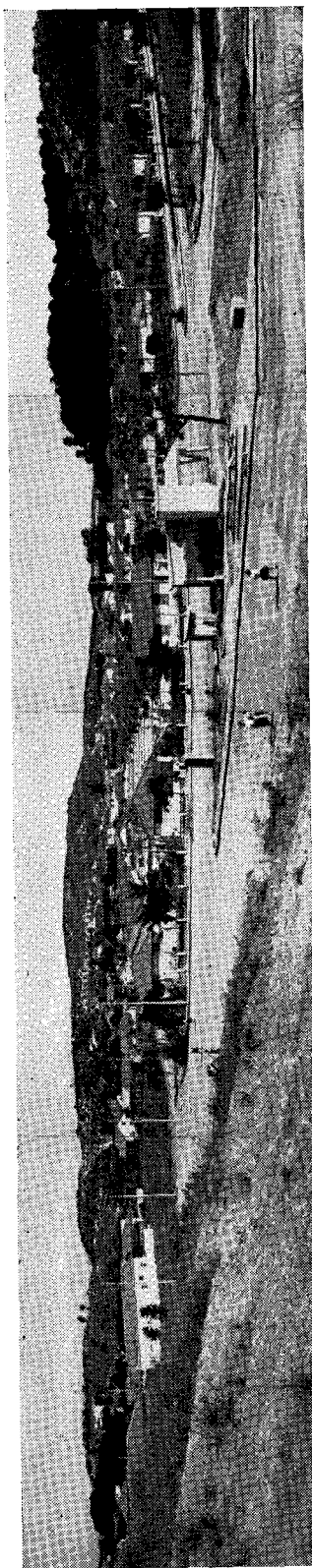


Foto 2 — Vila residencial do Instituto dos Bancários, situada próximo à praia Grande e de construção posterior a 1950. Todas as residências neste conjunto têm poços e bombas instaladas para captação da água subterrânea. (Foto N. Strauch).

pelo, ligando Cocotá ao Cacuia; rua Cambaúba, ligando a estrada do Galeão à praia da Bica, através do Jardim Guanabra (figura 6).

Estes dados sobre o andamento da pavimentação não se referem somente a 1950, mas também aos anos que se seguiram. Muito recentemente, a rua Cambaúba foi toda pavimentada.

Outra característica do povoamento recente é a ocupação das colinas que, embora ainda em pequena escala, reflete já a necessidade do homem de conquistar novas terras. Neste particular podemos ressaltar, nessa área de ocupação densa, um aspecto diferente na paisagem humana: as favelas que representam a ocupação espontânea de classes menos favorecidas, proletárias em geral, fenômeno idêntico ao do Rio de Janeiro. As favelas mostram, mais uma vez, a influência da incorporação da ilha à cidade, pois surgiram aí, com a construção da ponte, sendo grande o contingente de nordestinos nestas favelas. Com o novo impulso tomado pelas companhias imobiliárias, começam, pouco a pouco, a ser despejadas, tendo o governo municipal cogitado da construção de um núcleo para os favelados da ilha.

A valorização natural das terras próximas das praias, ainda que situadas nas colinas, fenômeno já aludido neste trabalho, está provocando seu loteamento pelas companhias imobiliárias. Na parte leste, trata-se de um fato recente. Assim, no morro do Barão, ao norte do saco da Olaria, desocupado no censo de 1950, na fotografia aérea, relativa a 1953, já se observam não só vários arruamentos, mas, sobretudo, várias casas construídas.

Essas áreas mais acidentadas representam os últimos vestígios do tipo de propriedade outrora predominante, quais sejam as chácaras e sítios. Tal é o exemplo do morro do Barão.

Nessa zona do leste, os vazios são representados pelos terrenos de marinha, por aqueles ocupados por depósitos de combustíveis.

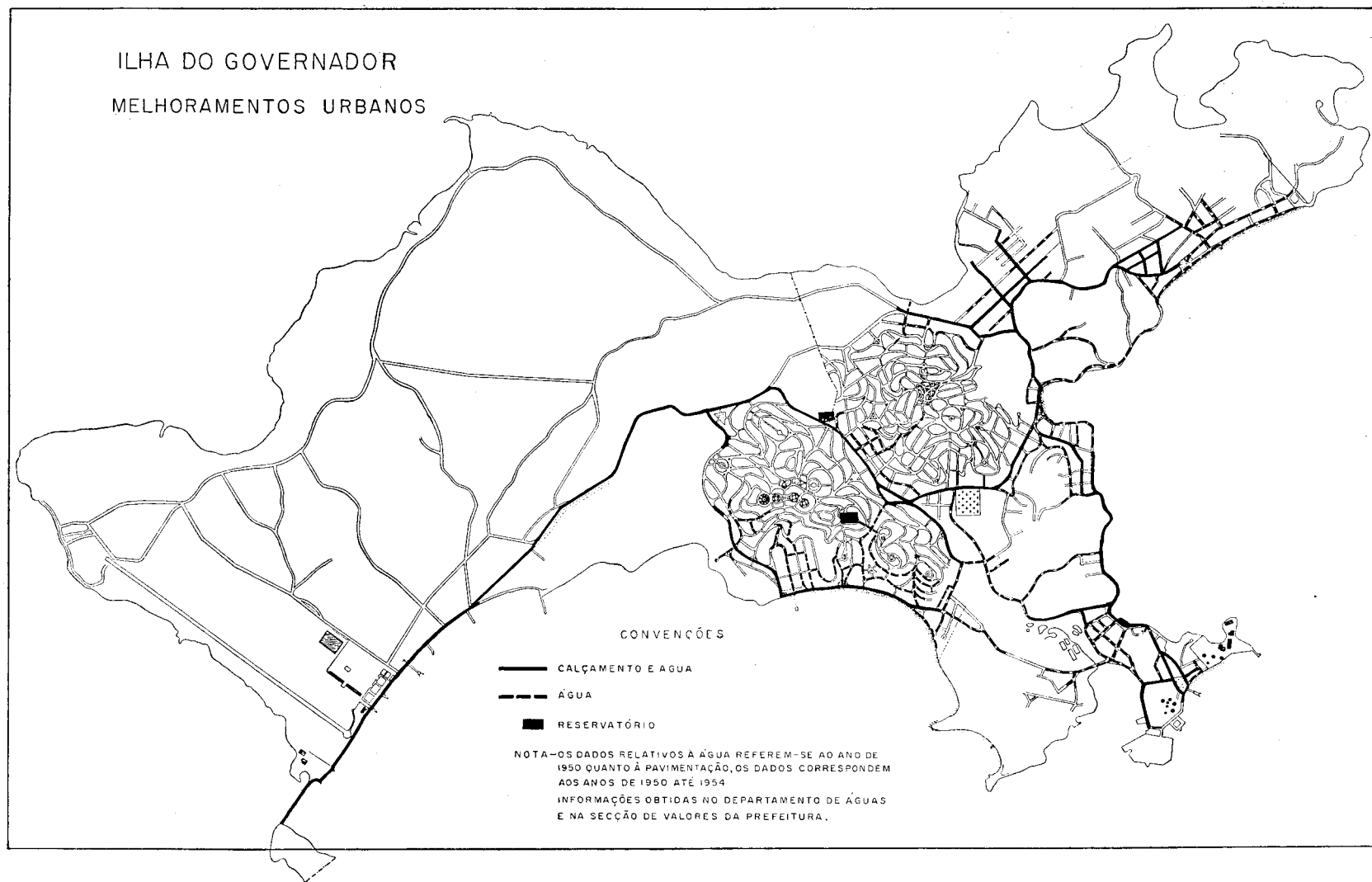


Fig. 6

tíveis da Shell e da Standard Oil e algumas colinas de encostas mais íngremes e, portanto, de mais difícil aproveitamento.

A presença dos depósitos de combustível na zona mais povoada da ilha mostra o pouco valor das terras, em épocas mais afastadas. É interessante lembrar que terrenos, adquiridos em 1925 por Cr\$ 200,00, foram agora revendidos por Cr\$ 250 000,00.

Distinguímos, então, nessa Zona das Praias de Leste dois tipos de ocupação, uma anterior à ponte, mais ligada aos fatores naturais, limitada aos terrenos planos mais favoráveis ao estabelecimento do homem, onde predominava um tipo de habitante mais modesto, o que se reflete nas próprias construções. A segunda, bem recente, iniciada com a construção da ponte, deu um novo aspecto a essas áreas de povoamento antigo. Com o rápido crescimento da população e a exiguidade dos terrenos planos, a ocupação começou, pouco a pouco, a ganhar as encostas dos morros. As construções novas, em grande parte luxuosas e confortáveis, que se multiplicam, quer nos terrenos planos, quer nos mais elevados, evidenciam um tipo de habitante de melhores condições econômicas.

Zona das Colinas do Centro

O advento da ponte representa, para as companhias de loteamento da ilha do Governador, um verdadeiro marco entre uma época de estagnação, correspondente ao período da última guerra, quando o racionamento de combustível limitou o número de barcas, então único transporte para o Rio, e o surto de progresso que se evidencia pelo número de obras em execução nessas terras.

Os loteamentos constituem o fato mais característico dessa parte central da ilha. Pertencem, na sua maioria, ao Jardim Carioca e ao Jardim Guanabara, cujos limites estão marcados no mapa de distribuição da população, abrangendo uma extensa área no sentido norte-sul. Trata-se de uma zona onde as condições de relevo e drenagem têm dificultado a ocupação.

As colinas da ilha atingem aí suas maiores altitudes (95 metros no morro do Dendê)³, com uma topografia mais acidentada que, na parte sul, chega até a praia (praia da Bica), o que se explica pela ausência de rios nesse trecho. Segundo considera BACKHEUSER, em sua carta geológica do Distrito Federal, predominam aí as rochas gnáissicas (biotita gnaiss). A grande espessura da camada de argila, quer seja de decomposição, quer de deposição (argilas terciárias)⁴, dificulta exames mais seguros da natureza das rochas. De qualquer maneira, essas colinas se caracterizam por encostas relativamente suaves por onde são traçados os arruamentos, segundo as curvas de nível.

Deve-se frisar que essas obras exigem grandes capitais pela técnica que encerram, mas, até certo ponto, foram facilitadas pela existência da espessa camada de argila (foto 4).

³ Terminologia usada na carta do Serviço Geográfico do Exército, mas imprópria no caso da ilha do Governador, onde só aparecem colinas.

⁴ O professor ALFREDO PÔRTO DOMINGUES, geógrafo do Conselho Nacional de Geografia, vem estudando o problema das argilas terciárias na ilha do Governador, tendo publicado recentemente um artigo na *Revista Brasileira de Geografia*, ano XIII, n.º 3.



3 - A fotografia aérea ilustra bem o adensamento de população na parte leste. Se separarmos o conjunto dencial dos bancários, no alto da fotografia, ao lado do faibbo Tauá, e o loteamento do morro do Barão, ao norte do saco da Olaria, vamos verificar que se repetem aí as mesmas áreas de concentração do mapa de 1950. Sem dúvida, o aumento crescente do número de habitantes, há um maior adensamento e um avanço pelas encostas das nas, mas ainda assim o povoamento deste trecho oriental da ilha conserva aquela característica de núcleos, agora já tão isolados pela maior facilidade de comunicações entre eles.

A fotografia abrange as praias, os terrenos de baixada onde os arruamentos se apresentam, ora irregulares, correspondendo ao povoamento mais antigo, ora de traçado geométrico, quando já observava um planejamento na urbanização. No primeiro caso, estão os bairros de Freguesia, que aparece parcialmente, no alto, à direita da fotografia, no lado com o n.º 1; o Cocotá, ao centro, junto do saco da Olaria, com o n.º 2; a praia das Pitangueiras, com o n.º 3; e, ao sul, o Zumbi e a Ribeira, com o n.º 4.

No segundo caso, está o bairro Tauá, junto da linha do bonde (n.º 5).

Salientam-se, na fotografia, as favelas, tipo de ocupação recente na ilha, dando fortes concentrações tal é o caso favela do Boog-Woog (n.º 6); a do Dendê (7) e do Barão (8).

Para a esquerda da fotografia, observam-se os arruamentos característicos dos loteamentos em terrenos acidentados, de ocupação em geral rarefeita. Aí distingue-se o bairro do Cacuia (9), cujo crescimento está em função estrada do Galeão.

Com o n.º 10, assinala-se a concentração ao longo da estrada da Bica, onde uma ocupação antiga está sendo substituída por construções recentes.

Êsses arruamentos podem ser bem observados no mapa (figura 7), pelo traçado típico em formas semi-circulares que contrastam com os traçados retilíneos das zonas mais planas.



Foto 4 — Aspecto dos trabalhos de terraplanagem e abertura de ruas nos terrenos argilosos (nas argilas terciárias). Neste caso, trata-se de áreas de loteamento do Jardim Guanabara, junto à estrada do Galeão. (Foto N. Strauch).

Ao norte dessa zona central surgem outros fatores dificultando a ocupação das terras. Dominam aí os terrenos de baixada, onde são comuns as formações de mangues. Essa parte da ilha não sofre senão excepcionalmente a ação das vagas e das correntes; em consequência os sedimentos são finos, tendendo à vasa. Tais formações (baixadas e mangues) se estendem para oeste, onde vão constituir sua área mais extensa e mais característica. Repetem-se aí, em menor escala, os mesmos problemas da Baixada da Guanabara — drenagem e saneamento. Aliás, o clima aí dominante é o mesmo daquela região vizinha, diferindo da parte leste da ilha, como já tivemos oportunidade de ver.

O Jardim Guanabara, contando com uma extensa área, cêrca de quatro milhões de metros quadrados, para transações imobiliárias, não está ainda loteando essas áreas de mangues e baixadas quentes. Cêrca de 50% dêsses terrenos de baixada estão plantados com eucalipto. Com isto, a Companhia reduz o impôsto territorial, pois passam a ser consideradas áreas agrícolas, além de proporcionar a madeira extraída uma fonte de renda suplementar.

Para se ter uma idéia da evolução da propriedade na ilha do Governador, é interessante lembrar que o Jardim Guanabara resultou de terras da antiga fazenda da Conceição, cujo loteamento teve início a partir de 1926⁵. Tal fato

⁵ As terras foram adquiridas em 1913 pela Companhia Lavoura e Colonização de São Paulo, atual Companhia Santa Cruz.

demonstra que até esta data, pelo menos, ainda existiam grandes propriedades rurais, se considerarmos a pequena extensão da ilha. Aliás, os moradores antigos se referem a uma forte atividade agrícola nas terras de baixadas quentes, cuja produção era enviada, em canoas, para o mercado do Rio. Estas lavouras desapareceram com o advento das companhias imobiliárias e já, em 1930, eram inexistentes nessas áreas de loteamento. Por outro lado, no morro do Engenho Velho, existem ainda vestígios de um antigo engenho que beneficiava a produção de cana da ilha⁶. Fato semelhante ocorreu com a pequena atividade industrial representada pelas olarias e caieiras. A maior olaria, situada na praia da Bica, que produziu os afamados tijolos Santa Cruz, ainda funcionou até 1948.

Embora a parte em que predominam as colinas já se ache quase toda loteada, a ocupação se limita a determinados trechos. Tal é o caso da praia da Bica, onde se encontram condições semelhantes às das praias do leste, tendo sido seus lotes os primeiros a serem ocupados no Jardim Guanabara. A zona de baixada é aí bastante restrita e nestas condições predominam as casas nas encostas, exigindo verdadeiras obras de engenharia, o que determinou um bairro de residências luxuosas, como raramente se encontra nos subúrbios do Rio de Janeiro.

Ainda que predominem no Jardim Guanabara extensas áreas desocupadas, seu desenvolvimento tem sido considerável, depois da construção da ponte. Em 1930, os dados da estatística predial do Distrito Federal determinavam para o Jardim Guanabara um total de trinta e quatro prédios. O recenseamento de 1950 registra um total de trezentos, sendo duzentos e setenta e sete domicílios. Em 1954, este número deve estar duplicado.

Com relação ao Jardim Carioca, também vamos encontrar uma ocupação rarefeita, localizando-se ao longo da estrada de Dendê, junto à praia da Roca, antigos terrenos de mangue, hoje aterrados. Não possuindo o Jardim Carioca áreas de praia, uma vez que a mais próxima delas é a do saco da Olaria que, como vimos, foi um fator importante para a maior ocupação naquele trecho, estende-se, agora, em direção aos mangues, aterrando-os para loteamento. Fato idêntico se observa em pequena área ao lado, pertencente a um grande capitalista. Estes aterros estão sendo feitos com material resultante do desmonte dos morros. Mais uma vez, a espessa camada de argila facilita a tarefa do homem (foto 5).

Nas condições acima descritas, observa-se uma área de ocupação ainda rarefeita que só agora começa a se desenvolver. Distingue-se, entretanto, uma concentração bem maior junto da estrada do Galeão, que é a principal artéria, ligando os diversos pontos da ilha, constituindo um verdadeiro eixo de comunicações, com a modificação radical das vias de acesso ao Rio, que se fazia antes pelo mar, e à parte leste da ilha. Esta transferência está deslocando o centro de gravidade demográfico da parte leste para as áreas próximas à estrada do Galeão. Isto talvez explique o crescimento de certos núcleos urbanos, como o

⁶ Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. O seu histórico desde a fundação até o ano de 1927. Traços biográficos dos monges falecidos. P. 91.

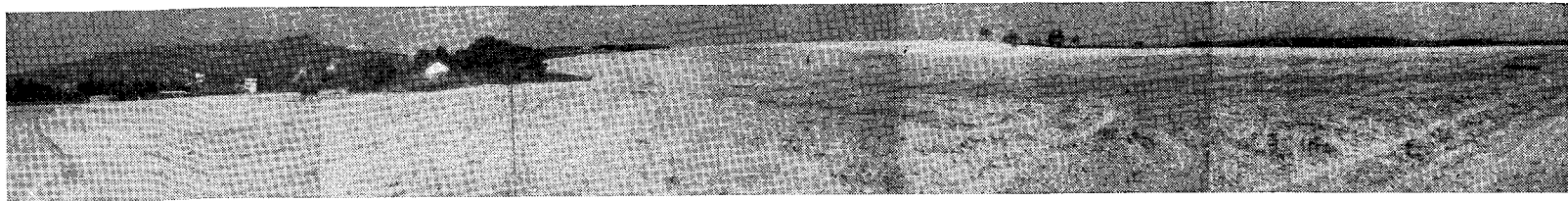


Foto 5 — Este conjunto panorâmico, tirado da praia da Rosa em direção aos aterros que estão sendo feitos neste local, mostra a conquista de novas áreas pelo homem nas terras valorizadas da ilha do Governador. Vê-se, à esquerda, o morro do Dendê, distinguindo-se aí as confortáveis residências do Jardim Carioca e no primeiro plano o atêrro da Companhia, onde todos os lotes foram vendidos, antes mesmo do início da obra. A direita estende-se o terreno de um grande capitalista, pequena faixa de terra ocupada por uma colina, cuja altura ultrapassa de pouco a cota de 20 metros e que foi aplainada, como podemos ver na fotografia. O material resultante do desmonte foi aproveitado para o atêrro do mangue e da baixada. (Foto N. Strauch).

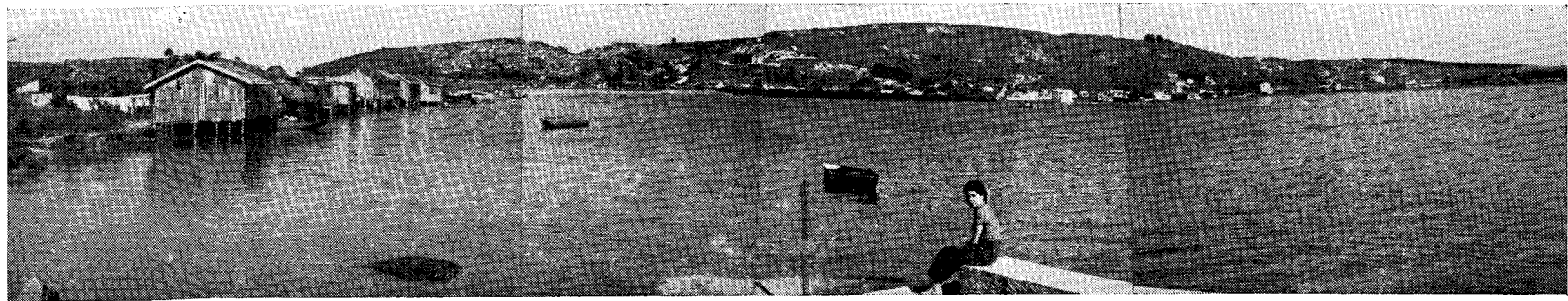


Foto 6 — Este conjunto panorâmico, tirado do saco da Rosa, mostra os diversos tipos de ocupação desta área da ilha do Governador. No primeiro plano, observa-se, à esquerda, habitações de pescadoras em antigos terrenos de mangue. Note-se o aspecto de palafitas destas habitações. A seguir, para a direita, vê-se a favela do Dendê, tipo de ocupação espontânea e, finalmente, as residências modernas e confortáveis do Jardim Carioca, ainda no morro do Dendê. (Foto N. Strauch)

Cacua, já citado, a Vila Valdemar Falcão, o Guarabu, os dois últimos distinguindo-se na zona central. As Vilas Valdemar Falcão e Guarabu pertencem ao I.A.P.E.T.C. e foram construídas, respectivamente, em 1940 e 1942, quando as companhias de loteamento não tinham ainda um movimento de vendas satisfatório. Em virtude do pequeno valor daqueles terrenos, distantes das vias de comunicação, foram êles adquiridos da Companhia Jardim Carioca pelo I.A.P.E.T.C., onde se construíram os primeiros grupos de casas. Enquanto o I.A.P.E.T.C. pôde oferecer residências a seus associados por baixo preço (Cr\$ 17 000,00)⁷, o Jardim Carioca iniciou o plano de propaganda que consistia justamente em construir residência em áreas de loteamento menos procuradas, forçando, assim, o início de sua ocupação.

A influência da estrada do Galeão e, de maneira geral, das estradas de rodagem se faz sentir nas zonas de loteamento do Jardim Guanabara e Carioca, observando-se alguma ocupação ao longo das mesmas.

Um outro fator que parece interferir nesta distribuição da população é a água. Não se encontrando na ilha do Governador, principalmente, neste trecho central, nenhum curso d'água importante e, tratando-se de área que, pela sua topografia acidentada, dificulta o estabelecimento de uma rede de abastecimento d'água regular, é aí que se apresenta mais grave este problema. Se nas terras planas e já ocupadas a falta de água toma, às vezes, caráter de crise, nessa parte da ilha então êle é mais grave. Por sua vez, a utilização do lençol subterrâneo é mais difícil, pois que a camada de argila é algumas vezes muito espessa. Há exemplos de poços com 20 metros de profundidade. Essa água, como já aludimos, não resolve o problema dos moradores da ilha, por não se tratar de água potável, conforme informação do médico chefe do Posto de Saúde local, antigo morador da ilha.

Muito brevemente, este problema está em vias de ser resolvido, com a construção de caixas d'água em pontos elevados, para onde será recalçada a água, por meio de bombas. No Jardim Guanabara, acaba de ser construída uma dessas caixas. Por outro lado, nas áreas mais recentemente loteadas, ainda nessa parte acidentada, de acordo com exigências da Prefeitura, a Companhia é obrigada a colocar a rede de encanamento. Isto, sem dúvida, facilitará a ocupação dessas áreas.

É interessante o fato de que os primeiros moradores que se localizaram nos terrenos mais elevados foram rumenos e alemães, ao contrário dos brasileiros, — cuja preferência recaía nas praias. Ainda hoje é ponderável o número de estrangeiros residentes nessa parte da ilha do Governador.

Em conclusão, deve-se frisar que essa área acha-se ainda em processo de ocupação, cujo início é muito recente e onde o comércio especulativo dos lotes proporcionou a formação de bairros caracteristicamente residenciais, onde, com exceção dos bairros populares já citados, predominam as moradias de luxo (foto 4).

⁷ As casas em aprêço eram oferecidas aos associados, com mobília e rádio, e, ainda assim, foi pequeno o interesse, permanecendo várias delas vazias, durante algum tempo.

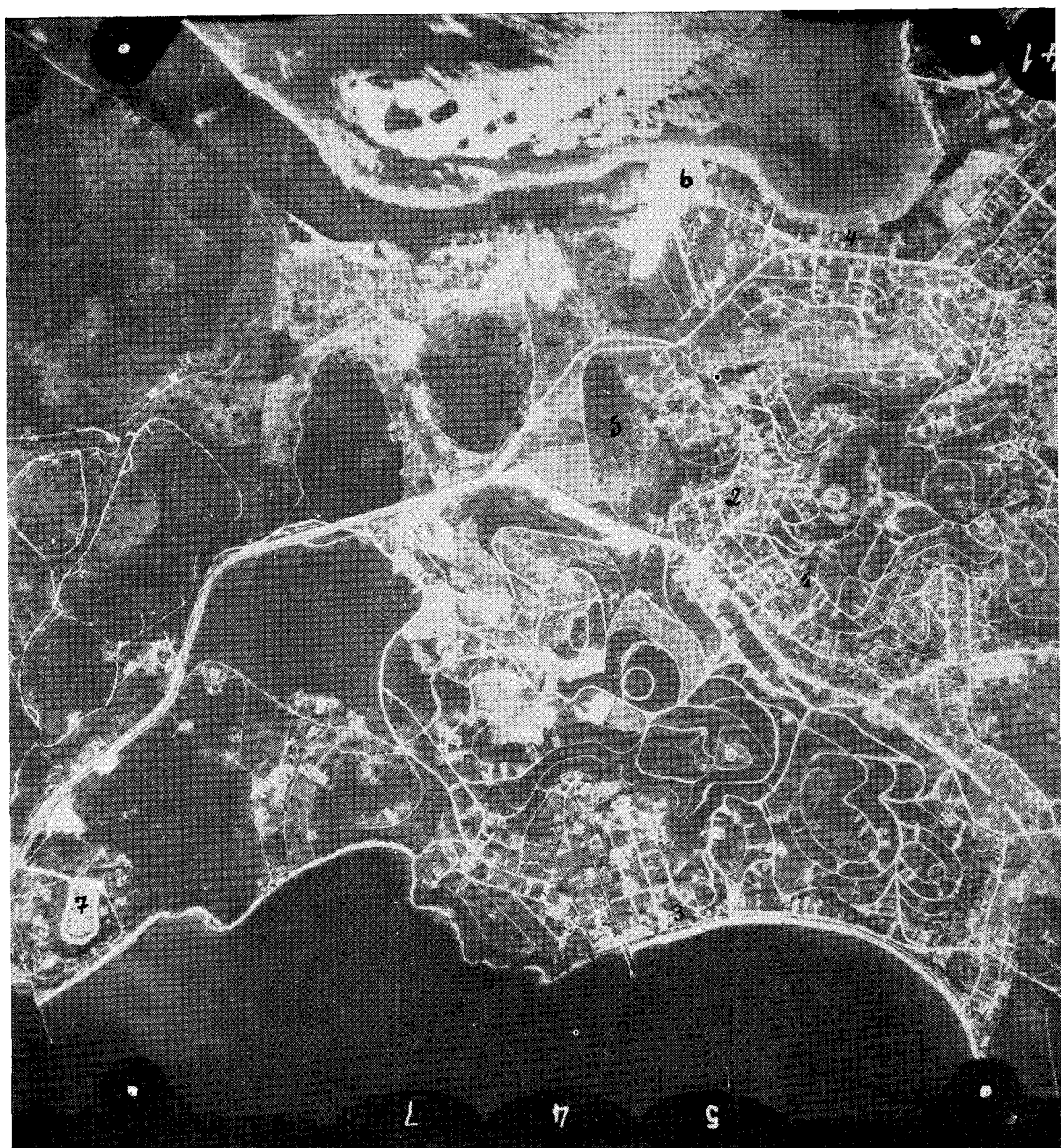


Foto 7 — A presente fotografia aérea do Serviço Geográfico do Exército abrange, de maneira geral, a zona tral da ilha do Governador, ocupada pelas companhias d' loteamento: Jardim Guanabara e Jardim Carioca. O traço dominante é representado pelo tipo de arruamento, condicionado à topografia. Junto da estrada do Galeão observam-se as concentrações do Cacuia, da Vila Waldemar Falcão e da Vila Guarabu. O primeiro já foi mencionado na fotografia aérea anterior e os dois outros estão aqui assinalados pelos números 1 e 2, respectivamente.

Ao sul, na praia da Bica (3), nota-se a parte mais ocupada do Jardim Guanabara, observando-se ainda, 1 tipos de arruamento, as áreas de baixada e as de topografia acidentada.

Ao norte, vêem-se os terrenos planos e baixos ainda não loteados. Excetua-se um pequeno trecho próximo ao saco da Rosa (n.º 4).

Próximo à estrada do Galeão estão bem assinaladas as plantações de eucalipto (n.º 5), do Jardim Guanabara. Nos terrenos de mangue (n.º 6) é bem nítida a área de aterro para loteamento.

A esquerda da fotografia, nota-se, finalmente, uma reta de lado a lado da ilha que marca o limite entre as terras das companhias imobiliárias e as do Ministério da Aeronáutica.

À esquerda desta reta, portanto, em terrenos da Aeronáutica, pode-se observar a vila dos oficiais (7), situada na praia de São Bento.

ILHA DO GOVERNADOR

TOPOGRAFIA E TRAÇADO DAS RUAS

CONVENÇÕES

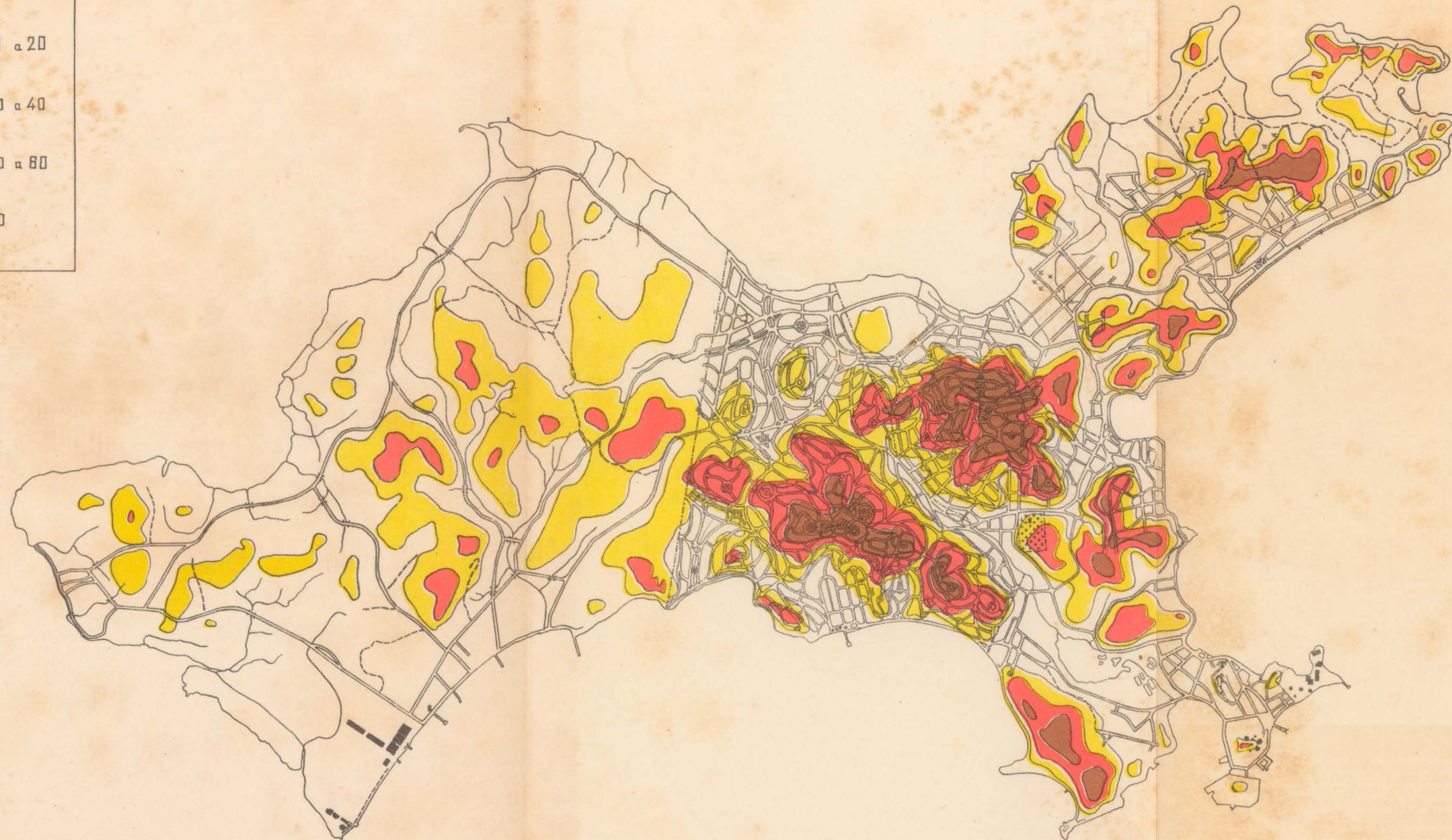
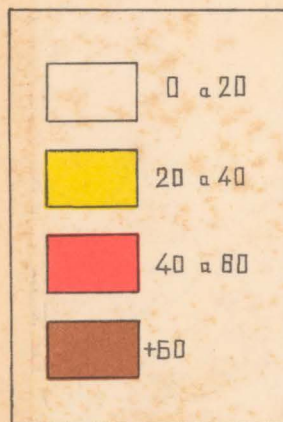
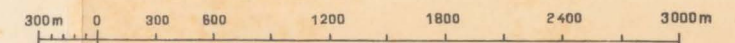


Fig. 7 Cópia da Planta do Distrito Federal na escala 1:30.000
Nota: Figuram os arruamentos das Cias. Imobiliárias, alguns ainda em projeto.



Zona das Baixadas de Oeste

A terceira zona em que dividimos a ilha, do ponto de vista da distribuição da população, é a zona militar a oeste, abrangendo mais de um terço da superfície total. Naturalmente, tratando-se de área militar, a ocupação apresenta características particulares. Com exceção de um pequeno trecho urbanizado, próximo da Base, onde as barcas da Cantareira aportavam, predomina nessa parte oeste uma ocupação rarefeita.

Deve-se salientar, inicialmente, que a ocupação recente é toda de caráter militar, ou, pelo menos, sob controle militar e que os próprios trechos ocupados anteriormente vão aos poucos desaparecendo, em virtude das desapropriações contínuas, por parte da Aeronáutica. Isto não quer dizer que tenha havido estagnação da população, pois o próprio Ministério edifica com certa intensidade vilas para funcionários civis e militares, sem contar a ampliação natural na Base propriamente dita (foto 8).

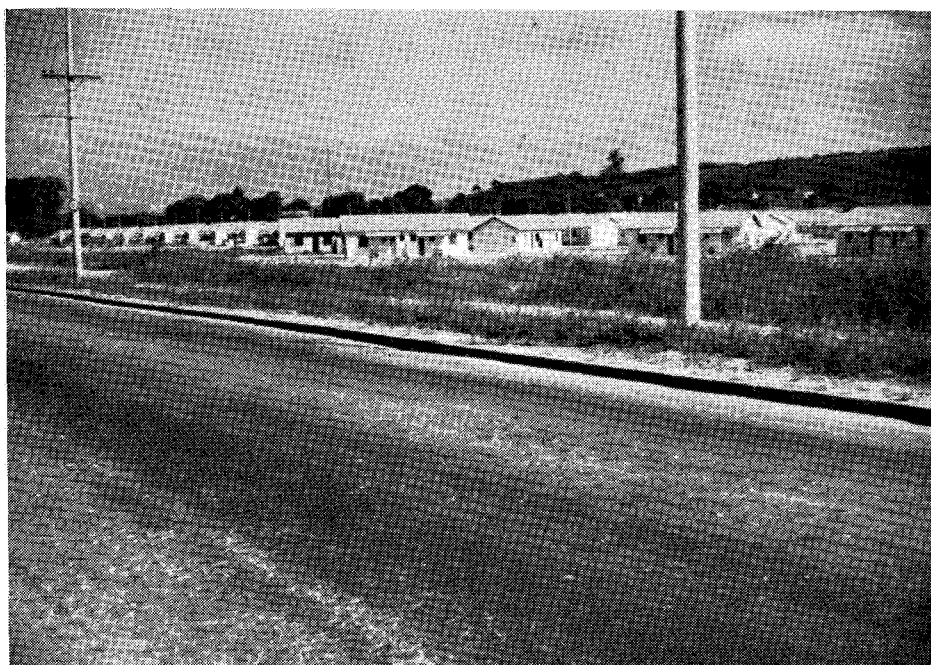
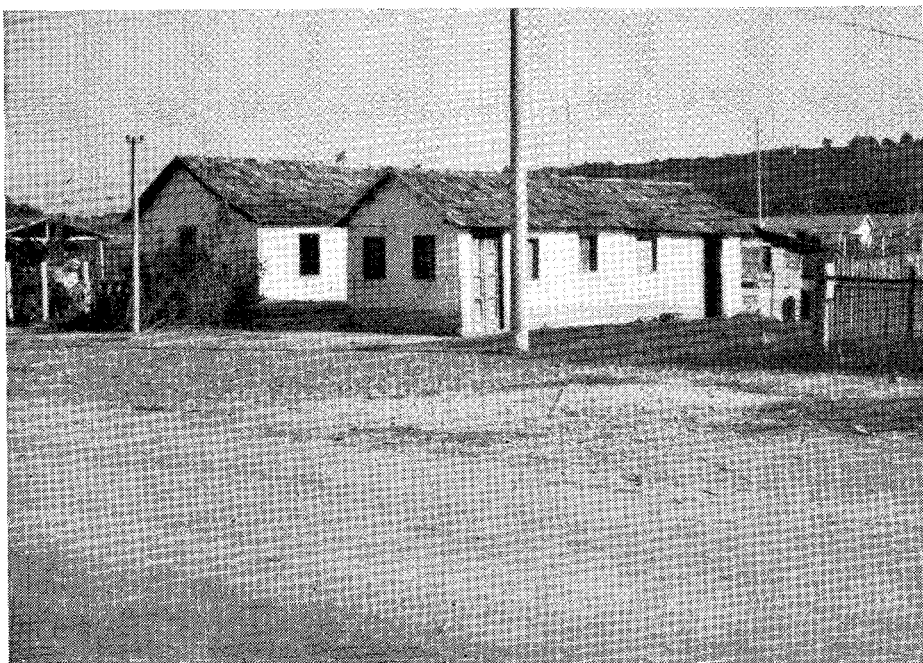
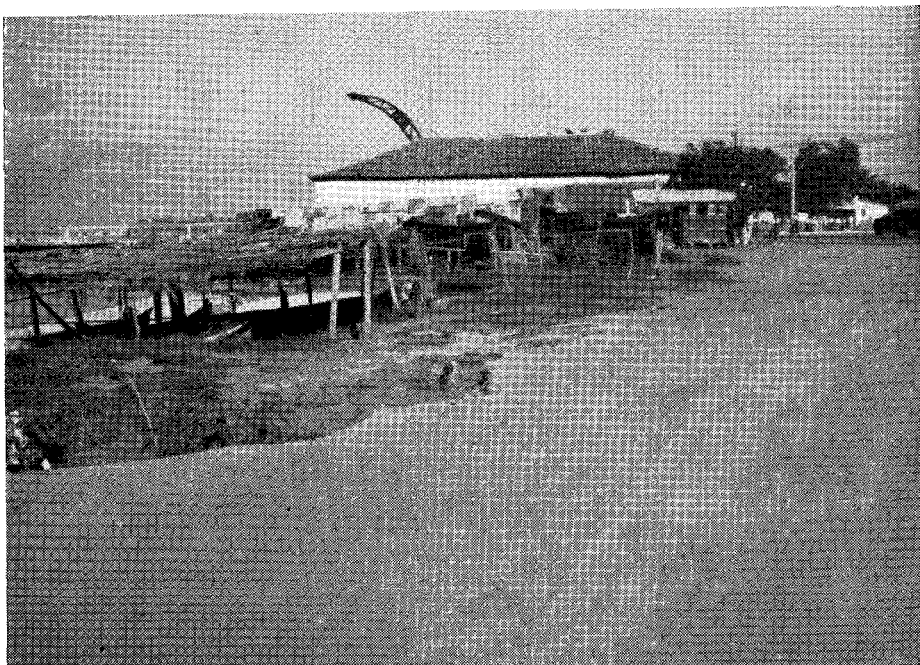


Foto 8 — Uma das vilas de operários da Aeronáutica junto à estrada do Galeão. Trata-se de habitações padronizadas com os requisitos mínimos de higiene e conforto. (Foto N. Strauch).

Vale lembrar aqui que nestas terras se verificava a maior exploração agrícola da ilha do Governador, mas que foi, aos poucos, desaparecendo até que, em 1942, foram desapropriados os últimos sitiantes, na estrada de Itacolomi e na de Tubiacanga. Muitos desses sitiantes ficaram radicados aí, agora trabalhando na Base.

Pode-se observar que estas terras, além da função puramente militar, adquirem um novo interesse, mercê das facilidades advindas com a ponte, sendo grande o número de pessoas que residem na Base e trabalham no centro do Rio de Janeiro.

Nessa parte oeste, onde se encontram, em sua maior extensão, os terrenos planos da ilha do Governador, também os mangues se apresentam mais fre-



Fotos 9 e 10 — Dois aspectos da colônia de pescadores, Z2, situada à direita da estrada do Galeão, na praia de São Bento. Na primeira, as armações para as rêdes. Na segunda, habitações típicas dos pescadores. Está é uma das áreas que a Aeronáutica está desapropriando, o que tem causado receios aos pescadores. (Fotos N. Strauch).

qüentes. Se, por um lado, os terrenos planos facilitam a ocupação, a formação de mangues é um fator negativo. No trecho mais ocidental da ilha, aprovei-



11 — Esta fotografia compreende uma parte da área da Aeronáutica, aquela, entretanto, de maior interesse para o estudo, pois é aí que se acha distribuída a população deste lado oeste da ilha.

Como tivemos oportunidade de nos referir, esta ocupação se faz ao longo das estradas, salientando-se as de Itacolomi, nalada com o n.º 1 e aquelas que daí atingem a estrada do Galeão e a Base Aérea propriamente; a estrada Grande 2) a do Morro do Inglês (n.º 3) e a Alfredo Rocha (n.º 4).

Nas proximidades da Base, observam-se obras de aplainamento de colina (n.º 5), e, ao sul da pista de pouso, nota-se uma parte do atêrro do mangue (6).

As baixadas mais afastadas da Base Aérea e, de maneira geral, os mangues permanecem ainda desocupados, distinguindo-se, nesta zona, a ocupação litorânea da praia das Flecheiras (7) e da praia do Galeão (8).

tando-se de uma área de maior ocorrência de terrenos planos, foi construído o campo de aviação naval, atual Base Aérea do Galeão, que serve também de aeroporto internacional.

Os mangues têm aí a mesma origem daqueles já assinalados no decorrer dêste trabalho. Começam também a ser aterrados, com o material resultante da terraplenagem das colinas, como, por exemplo, a do Inglês.

Nesse trecho ocidental da ilha, a distribuição da população é predominantemente interior em contraposição com a ocupação das praias da parte leste, o que seria de esperar, considerando a existência dos mangues ao longo do litoral. A única ocupação litorânea nessa zona oeste refere-se à praia do Galeão, onde não há formação de mangues.

A população se distribui nessa parte oeste, ao longo das estradas, construídas de longa data, quando pertenciam essas terras aos frades beneditinos.

Ressalta desde logo a função das estradas como catalizadoras naturais nesta distribuição. No mapa, podemos ver que as do Galeão, Itacolomi e Morro do Inglês são as de maior interesse, para o nosso estudo, pois, ao longo delas, se distribui a maior parte da população desta área.

Para concluir, nesta Zona das Baixadas de Oeste, é evidente a ocupação mais interior, consequência de fatores de ordem geográfica (os mangues no litoral). Quanto à distribuição da população nessa área, é preciso salientar o fato de que se trata de uma ocupação dirigida, como é comum em zonas militares.

III — CONCLUSÕES

1 — Ligada ao continente pela ponte, a ilha do Governador passou a constituir uma de suas áreas caracteristicamente residenciais, modificando-se no seu aspecto e na sua função, transformando-se de área rural em urbana.

2 — Quanto à ocupação e distribuição da população, é possível distinguir na ilha do Governador duas fases bem distintas, uma anterior e outra posterior à ponte.

3 — No primeiro caso, verifica-se uma ocupação maior na Zona das Praias de Leste, onde se localizavam os núcleos urbanizados da ilha. Aí, a maior parte dos moradores trabalhavam na cidade do Rio de Janeiro. Entre algumas exceções, citaremos a atividade da pesca e, em menor escala, a existência nessa zona de duas caieiras, uma entre o morro do Barão e o saco da Olaria e outra na praia do Zumbi, ambas desaparecidas. Na zona central, excetuando-se a Vila Valdemar Falcão e o Guarabu, a população se distribui dispersamente na zona de baixadas, ao norte, dedicando-se à atividade agrícola e, ao sul, na praia da Bica, onde se localizava a maior olaria da ilha (Fábrica de Tijolos Santa Cruz). Na Zona das Baixadas de Oeste, o lado da atividade agrícola aí dominante, a população se achava disseminada.

4 — Com a penetração das companhias imobiliárias e o desenvolvimento da Base Aérea do Galeão, desapareceu na ilha a exploração agrícola e industrial.

5 — Construída a ponte, estas zonas adquirem um novo aspecto, não só com o povoamento intenso verificado, particularmente a leste, mas ainda com o novo tipo de habitante de melhores condições econômicas que passou a predominar. Embora na Zona das Praias de Leste se verifiquem grandes transformações, nas duas zonas seguintes esta modificação mais se fez sentir. Na zona

MAPA ÍNDICE DAS FOTOGRAFIAS

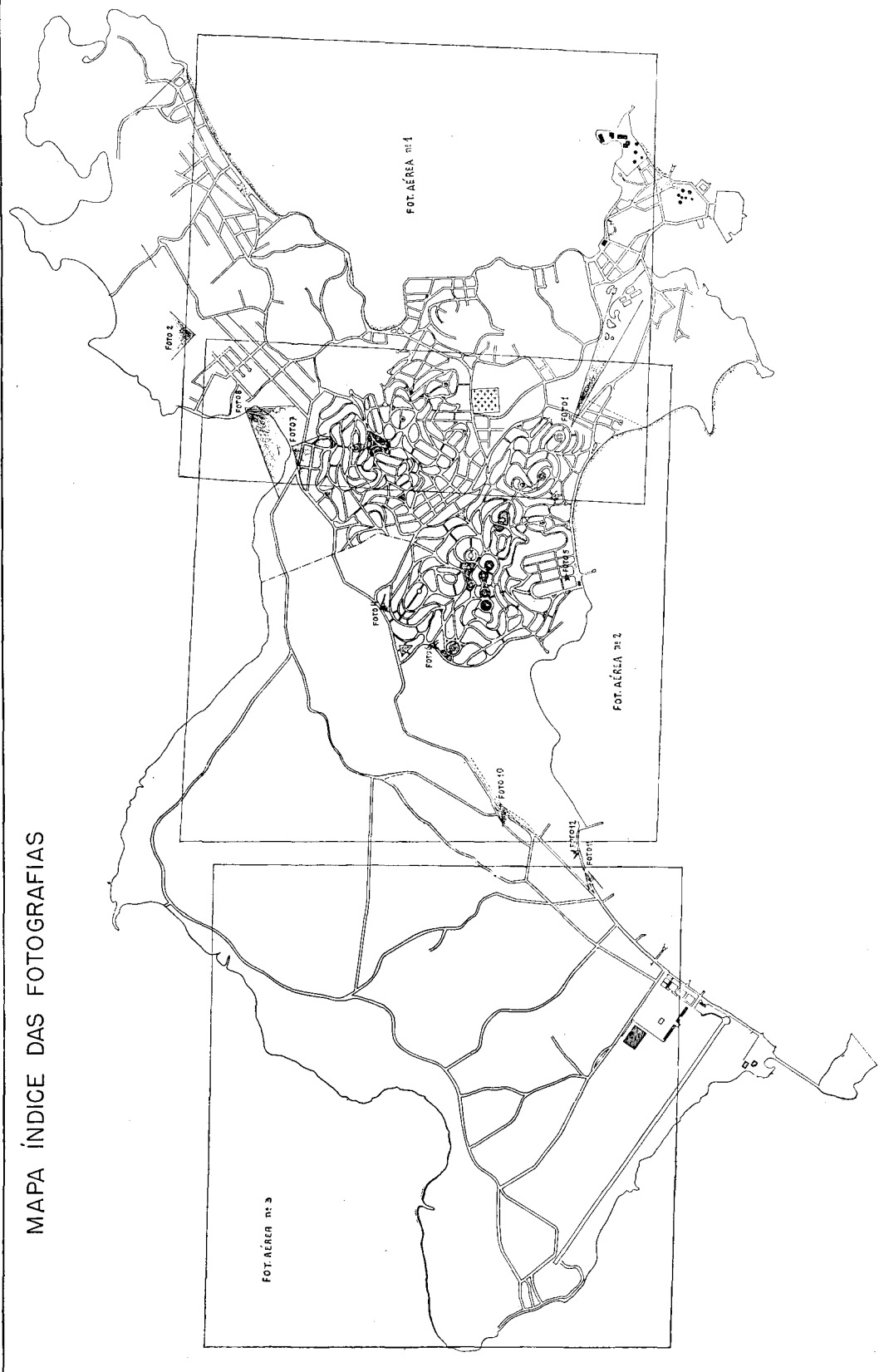


Fig. 8

central, surgem, nas antigas áreas agrícolas, bairros que podemos chamar de bairros *chics*. Na zona oeste, aparecem, em grande número, os conjuntos residenciais. Com exceção do último caso, pois, sem dúvida, grande parte de seus moradores trabalham na Base, quase todos os habitantes da ilha têm seus afazeres na cidade do Rio de Janeiro.

BIBLIOGRAFIA

- BACKHEUSER, Everardo
 "Geografia carioca: o litoral da Guanabara", pp. 972-981. *Boletim Geográfico*, ano IV, n.º 44, novembro de 1946. C.N.G.
- BACKHEUSER, Everardo
 "Geografia carioca: aspectos gerais da geologia do Distrito Federal", pp. 41-50. *Boletim Geográfico*, ano V, n.º 49, abril de 1947. C.N.G.
- BACKHEUSER, Everardo
 "Geologia do Distrito Federal", pp. 1 383-1 406. *Boletim Geográfico*, ano III, n.º 35. Um mapa. 1946. C.N.G.
- CRULS, Gastão
Aparência do Rio de Janeiro (Notícia histórica e descritiva da cidade). 2 vols. 60 e 60-A, 670 páginas, ilustrações e mapas. Livraria José Olímpio Editôra, 1949.
- DOMINGUES, Alfredo José Pôrto
 "Estudo sumário de algumas formações sedimentares do Distrito Federal", pp. 443-464. *Revista Brasileira de Geografia*, ano XIII, n.º 3, julho-setembro, 1951.
- HARTT, Charles Frederik
Geologia e Geografia Física do Brasil. Col. Brasileira, série 5.^a, vol. 20, 649 páginas, 94 figuras. Cia. Editôra Nacional, 1941.
- LAMEGO, Alberto Ribeiro
O Homem e a Guanabara. Biblioteca Geográfica Brasileira, publicação n.º 5 da série A de livros. XIII + 294 páginas, 204 figuras. Bibliografia. I.B.G.E. — Conselho Nacional de Geografia. Rio de Janeiro, 1948.
- RUELLAN, Francis
 "Evolução Geomorfológica da Baía de Guanabara e das Regiões Vizinhas", pp. 445-508. *Revista Brasileira de Geografia*, ano VI, n.º 4. 10 figuras, sendo 1 mapa geomorfológico. 81 fotografias. Bibliografia. C.N.G. — 1944.
- SERRA, Adalberto e Leandro RATISBONNA
 "O Clima do Rio de Janeiro", pp. 527-560. *Boletim Geográfico*, ano III, n.º 28, C.N.G., julho de 1945.
- SOUTO MAYOR, Ariadne Soares
Tipos Climáticos do Distrito Federal. C.N.G. Secção de Estudos, inédito.

Mapas

- Carta do Distrito Federal* do Serviço Geográfico do Exército, levantada em 1922. Fôlha 4. Escala 1:25 000.
- Do Rio de Janeiro à Ilha de São Sebastião*. Carta resultante dos levantamentos efetuados pela Marinha do Brasil até 1936, na escala de 1:290 961. Fôlha 1 600. Nova edição de 31 de maio de 1940.
- Mapa Turístico do Distrito Federal*. Organizado e editado pelo Instituto Cartográfico Canabava Barreiros. Escala 1:125 000. 1.^a edição. Dezembro de 1951.
- Planta do Distrito Federal*. Prefeitura do Distrito Federal. Secretaria Geral do Interior e Segurança. Departamento de Geografia e Estatística. 2.^a edição. 1948. Escala 1:30 000.

Outros dados

Dados do Departamento de Águas e Secção de Valores da Prefeitura.

Dados Estatísticos do Serviço Nacional de Recenseamento.

Fotografias Aéreas do Serviço Geográfico do Exército, na escala de 1:20 000 aprox. 1953.

RESUMÉ

En étudiant "La Distribution de la Population de l'île du Gouverneur" l'auteur met tout d'abord en évidence la situation de l'île en relation à la ville de Rio de Janeiro. L'année 1949, est indiquée comme point de départ fondamental pour l'urbanisation de l'île, époque pendant laquelle fut terminée la construction du pont qui fait la liaison de l'île au continent, ce qui a apporté des profondes modifications: les petites aires qui étaient déjà urbanisées se sont grandement étendues et les vestiges de l'ancienne occupation agricole ont complètement disparues. Après avoir traité des facteurs de transformation, l'auteur passe à faire l'analyse de la population actuelle, point central du travail.

En tenant compte des différences du paysage, l'auteur a divisé l'île du Gouverneur en trois parties distinctes: la zone des plages de l'Est, la zone des collines (partie centrale) et la zone des Plaines de l'Ouest.

Dans la première zone la densité de la population est plus grande. Elle coïncide avec l'aire plus ancienne de peuplement. Les plages furent le motif d'attraction et les vallées plus proches servirent d'orientation au tracé des routes, au long desquelles une occupation linéaire s'est établie, évoluant vers des centres individuels et qui finirent par conquérir les collines. Non seulement les conditions physiques mais aussi l'activité de la pêche ont contribué à l'occupation des plages, sans oublier le fait que la communication avec la ville de Rio de Janeiro se faisait autrefois par la mer, ce qui a aussi conduit à l'occupation des plages.

Les plages de l'Est sont, actuellement, les régions plus importantes et plus urbanisées de l'île.

La topographie accidentée des collines offre des difficultés à son occupation. Un autre facteur négatif important est le manque de cours d'eau importants. Pour vaincre les difficultés des compagnies qui vendent les terrains en lots ont été organisées, vu la proximité de la ville de Rio de Janeiro. Et, en effet, la division des collines en lots est la note prédominante de cette zone. La construction de réservoirs d'eau en des points élevés est d'une grande importance pour la réalisation de l'occupation. Il est intéressant d'observer que dans cette zone prédominent les maisons de luxe, ce qui prouve la grande valorisation de cette région.

La troisième zone, celle des plaines de l'Ouest, comprend plus d'un tiers de la surface totale. Il s'agit d'une région militaire où a été installée la Base Aérienne du Galeão. L'occupation est très diluée dans cette zone à l'exception d'une petite aire urbanisée qui se trouve près de la Base.

L'occupation ancienne n'existe presque plus dans cette zone, en vertu de l'acquisition des terrains par la Base. Ceci ne veut pas dire, cependant, que l'activité officielle soit un facteur négatif pour l'occupation. Au contraire, le Ministère de l'Aéronautique a construit des villas pour les fonctionnaires, sans compter avec les amplifications de la Base elle-même.

Dans ses conclusions, l'auteur met en évidence les points suivants: a) le pont a transformé l'île en une des aires résidentielles de Rio de Janeiro, en modifiant son aspect rural; b) avec l'apparition des compagnies immobilières les exploitations agricoles et industrielles ont disparues; c) le pont a apporté pour l'île un nouveau type d'habitant, possédant des conditions économiques bien meilleures.

RESUMEN

En el artículo se estudia la distribución de la población en la isla de Governador. Se fija primeramente la posición de la isla en relación a la ciudad de Rio de Janeiro, determinándose como etapa fundamental para la urbanización de la isla el año de 1949, cuando fue inaugurado el puente. Este hecho modificó profundamente la isla: las pequeñas áreas urbanizadas aumentaron y los vestigios de la antigua ocupación agrícola desaparecieron.

Examinados los factores de transformación, objeto de la introducción, el autor pasa al análisis de la distribución actual de la población, parte central del trabajo.

La isla está dividida en tres áreas distintas, de acuerdo con las diferencias del paisaje: la zona playera a leste, la zona de las colinas (parte central) y la zona de las Bajadas, situada a oeste. La primera área corresponde a la región de poblamiento más antigua. Su población se concentra más densamente. Las playas contribuyeron como factor de atracción y los valles próximos orientaron el trazado de las estradas, a lo largo se estableció una ocupación lineal continuando en centros individuales y alcanzando después las pendientes. No sólo las condiciones físicas más también la actividad de la pesca influyeron en la ocupación antigua de las playas; otra causa fue indudablemente el hecho de que son efectuadas a través del mar las comunicaciones con Rio de Janeiro.

Los barrios más importantes están situados en la zona playera de leste y constituyen los puntos más urbanizados de la isla.

En la zona de colinas la topografía irregular y la falta de cursos de agua importantes son factores que impiden la ocupación. Estas condiciones adversas fueron superadas por el establecimiento de empresas inmobiliarias, lo que determinó la división de la tierra en pequeñas áreas residenciales. La construcción de depósitos de agua en puntos elevados, ya planeada, será de gran importancia para el abastecimiento. La zona está en fase de ocupación, pero predominan las residencias lujosas que valorizan la propiedad territorial.

La tercera y última zona, la de las Bajadas de Oeste, comprende un tercio de la superficie total; es el área donde está instalada la "Base Aérea do Galeão". Con excepción de pequeña parte urbanizada próxima a la Base, la ocupación es escasa.

La ocupación antigua casi no existe debido a los desapropiamentos frecuentes por la Base, pero el "Ministerio da Aeronáutica" ha construido villas para sus funcionarios.

El autor presenta las siguientes conclusiones para su estudio: a) el puente transformó la isla en una de las zonas residenciales de la ciudad de Rio de Janeiro, modificando su aspecto rural; b) con la penetración de las Empresas Inmobiliarias desapareció más rápidamente la explotación agrícola e industrial; c) el puente hizo aparecer en la isla un nuevo tipo de habitante, con mejores condiciones económicas.

SUMMARY

Studying the distribution of population in Governador island the author defines, initially, its position in relation to Rio de Janeiro. The year 1949 stands out as a fundamental step to the urbanization of the island as the bridge connecting the island to the continent was inaugurated, provoking profound modifications: the small urbanized areas expanded considerably and the vestiges of the former agriculture-based occupation, which still persisted until 1949, disappeared. After considering the transforming factors, dealt with in the Introduction, the author proceeds to analyse the modern distribution of the population, the principal purpose of this paper.

Bearing in mind the differences observed, the author divides the island into three separate areas: the eastern beach zone, the hilly central zone and the western lowlands ("baixadas").

In the first zone, population is more densely concentrated; it coincides with the area of earlier occupation. The beaches were the attracting factor and the neighbouring valleys oriented the opening of roads along which a linear type of occupation developed, later evolving to individualized centers which occupied the adjacent slopes.

Not only physical conditions but the fishing activity also influenced the early occupation of the beaches; another factor was represented by the communications with Rio, then made by the sea.

The more important suburbs and urbanized zones concentrate nowadays on the eastern beaches.

Within the hilly central zone, topography represents a drawback to the occupation. The inexistence of important rivers constitutes another negative factor. To set aside these adverse conditions, lots were divided and commercial companies were organized for their sale.

The division of properties in small residential lots constitutes indeed the principal characteristic of this zone. The planned construction of water reservoirs on the elevated areas will assume great importance. It is interesting to observe that the occupation is predominantly made through the construction of luxurious houses, a fact which constitutes a proof of the valorization of the land.

The third and last zone covers more than a third of the total area of the island. It is a military zone where the Aerial Base of Galeão (Brazilian Air Force) is established and where, with the exception of a small urbanized center, a rarefied occupation predominates.

The early occupation pattern is virtually in-existent due to the constant appropriations of land which is incorporated to the Base.

This situation, on the other hand, does not signify that the official action constitutes a negative factor. On the contrary, the author states, the Ministry of Aeronautics constructed housing projects for its employees and expanded the Base itself.

The author concludes by emphasizing the following points: a) the bridge caused the island to change from a rural area to a residential suburb of Rio; b) with the appearance of land-selling companies, agricultural and industrial activities rapidly disappeared and c) the bridge also brought a new type of inhabitant, with much better economic conditions.

ZUSAMMENFASSUNG

Bei einem Studium der "Bevölkerungsverteilung auf der Ilha do Governador (Gouverneursinsel) muss schon auf den ersten Blick die Lage der Insel zur Stadt Rio de Janeiro auffallen. Als ein wichtiger Wendepunkt in der Verstädterung der Insel hebt sich das Jahr 1949 hervor, in dem die Brücke zum Festland eingeweiht wurde, die das Leben auf der Insel grundsätzlich veränderte. Die kleinen, bis dahin bereits bestehenden Flächen städtischen Charakters vergrösserten sich beträchtlich, und es verschwanden die Reste alter landwirtschaftlicher Nutzung, die sich bis dahin noch erhalten hatten.

Nach einer Würdigung der Faktoren, die den Wandel herbeigeführt haben, in der Einleitung zur Arbeit, folgt als Hauptproblem der Untersuchung die Analyse der jetzigen Bevölkerungsverteilung.

Auf der Basis landschaftlicher Verschiedenheiten gliedert die Verfasserin die Ilha do Governador in drei getrennte Teile: Die Zone der Praias (Strandzone) im Osten, die Hügelizeone oder den zentralen Teil der Insel und die Niederung im Westen.

In der ersten Zone ist die Bevölkerung am dichtesten gehäuft. Sie fällt mit dem Gebiet frühesten Besiedelung zusammen. Die Praias waren es, die die Menschen anzogen, und die einmündenden Täler bestimmten den Verlauf der Strassen, an denen sich zunächst eine linienhafte Besiedlung ansetzte, die aber dann auch auf die Hügel übergrieff. Nicht nur die topographischen Bedingungen, sondern auch der Fischfang beeinflusste die Besiedelung der Praias frühzeitig. Hinzu kam als weiterer Faktor, dass die Verbindung mit Rio über das Meer erfolgte.

Heute finden sich an den Praias im Ostteil der Insel die am dichtesten bewohnten Viertel, die am meisten städtischen Charakter angenommen haben.

In der Hügelizeone setzt die unruhige Geländegestaltung der Besiedelung einige Schwierigkeiten entgegen. Das Fehlen von Wasserläufen von einiger Bedeutung ist ein weiterer ungünstiger Faktor. Die Nähe von Rio de Janeiro führte zur Gründung von Terraingesellschaften. Tatsächlich ist heute die Bodenaufteilung in kleine Parzellen für Wohnzwecke ein wichtiges Merkmal in der Hügelizeone. Der Bau von Wasserbehältern an hoch gelegenen Punkten, der bereits geplant ist, wird für die Versorgung von grosser Bedeutung werden. Es ist interessant zu sehen, wie in neu aufgeschlossenen Gebieten die Zunahme von Luxuswohnungen eindrucksvoll die Wertsteigerung der Grundstücke dokumentiert.

Die dritte und letzte Zone, die Niederung im Westen, nimmt über ein Drittel der ganzen Oberfläche der Insel ein. Sie ist Militärzone, und es ist hier die Flugbasis Galeão eingerichtet. So gibt es hier mit Ausnahme eines kleinen, bebauten Stücks dicht am Flughafen nur eine schwache Bevölkerungsdichte.

Wegen der fortgesetzten Enteignungen zugunsten der Flugbasis ist von den alten Siedlungsformen fast nichts mehr erhalten. Das soll nicht heissen, dass die jetzige amtliche Tätigkeit als ein negativer Faktor zu werten wäre. Im Gegenteil, so betont die Verfasserin, hat das Luftfahrtministerium für seine Bediensteten "Vilas" gebaut, ungeachtet der Vergrösserung des eigentlichen Flughafens.

Zum Schluss der Arbeit kommt die Verfasserin zu folgenden Feststellungen: 1) Die Brücke verwandelte die Insel in einen der Wohnbezirke der Stadt, indem sie den ländlichen Charakter verschwinden liess, 2) Mit dem Aufkommen der Bodenspekulation verschwand sehr rasch die landwirtschaftliche Nutzung und auch der industrielle Charakter, und 3) Die Brücke verhalf der Insel zu einem neuen Bewohnertyp, der in besseren wirtschaftlichen Bedingungen lebt.

RESUMO

Studante la "Distribuon de la Loĝantaro en la Insulo Governador", la aŭtorino reliefigas komence la pozicion de la insulo rilate al la urbo Rio de Janeiro. Kiel fundamentan limon por la urbanigo de la insulo ŝi distingas la jaron 1949, kiam estis inaŭgurita la ponto, ĝin modifante profunde: la malgrandaj urbanigitaj areoj pliampleksiĝis konsiderinde kaj la postsignoj de la malnova terkultura okupado, kiu ĝis tiu jaro ankoraŭ ekzistis, malaperis. Post la konsidero de la faktoroj de transformado, traktitaj en la Enkonduko, la aŭtorino analizas la nunan distribuon de la loĝantaro, centra objekto de la artikolo.

Atentante al la diferencoj de pejzaĝo, la aŭtorino dividis la insulon Governador en tri distingajn areojn: la zono de la Marbordoj de Oriento, la zono de la Montetoj (centra parto) kaj la zono de la Ebenajoj de Okcidento.

En la unua zono la loĝantaro estas pli dense koncentrita. Ĝi koincidas kun la areo de pli malnova loĝatigo. La marbordoj estis la faktoro de allogo kaj la proksimaj valoj orientis la planon de la ŝoseoj, laŭlonge de kiuj starigis linia okupado, kiu evoluis al individuligitaj centroj, poste konkerante la deklivojn. Ne nur la fizikaj kondiĉoj sed la fiŝkaptista aktiveco multe efikis al la antikva okupado de la marbordoj kaj ankaŭ alia kaŭzo estis la fakto, ke la komunikoj kun Rio de Janeiro estis faritaj per la maro.

Nuntempe ĉe la Marbordoj de Oriento situacias la plej gravaj kvartaloj kaj reprezentas la plej urbanigitajn areojn de la insulo.

En la zono de la montetoj la pli malebena topografio kontraŭmetis malfacilaĵojn al la okupado. La neekzisto de gravaj akvofluoj estas ankaŭ alia negativa faktoro. Por venki la kontraŭajn kondiĉojn kaj konsiderante la proksimecon de Rio de Janeiro formigis kompanioj de terlotumo. Fakte la divido de la tero en malgrandajn terpecojn loĝejajn estas la superreganta karakterizaĵo en la zono de la montetoj. La konstruado de akvujoj sur la altaj punktoj, jam planita, estos tre grava por la provizo. Estas interese rimarkigi, ke, se la zono troviĝas en proceso de okupado, superregas la luksaj loĝejoj, kiuj bone atestas la valorigon de la tera propreco.

La tria kaj lasta zono, tiu de la ebenajoj de Okcidento, entenas pli ol unu trionon de la tuta surfaco. Temas pri milita areo, kie estas instalita la Aerbazo de Galeão. Tiel, escepte de malgranda urbanigita peco proksima al la Bazo, superregas maldensa okupado.

La malnova okupado preskaŭ ne plu ekzistas kaŭze de la konstantaj senproprigoj profite de la Bazo. Tio ne signifas, ke la oficiala agado estas negativa faktoro por la okupado. Male, la aŭtorino akcentas, la Ministerio de la Aero estas konstruanta *vilas* (dometarojn) por la oficistoj, ne kalkulante la pliampleksigon de la Bazo ĝuste dirita.

En la konkludoj de la artikolo la aŭtorino akcentas tre precize jenajn punktojn: a) la ponto transformis la insulon en unu el la loĝejajn areojn de urbo Rio de Janeiro, ans tataŭigante ĝian kamparan aspekton; b) kun la penetriĝo de la Nmoveblajaj Kompanioj malaperis pli rapide la terkultura kaj industria ekspluatado; c) la ponto alportis al la insulo novan tipon de loĝanto kun pli bonaj ekonomiaj kondiĉoj.